



MARIA COUSSIRAT CAMARGO: VOZ, SILÊNCIO, SOLIDÃO

PAULA RAMOS¹

¹ UFRGS / paulavivianeramos@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Maria Coussirat Camargo (1915–2014), “luz e sombra de Iberê Camargo”. A expressão é de Paulo Herkenhoff e sugere diversas abordagens e interpretações em torno da firme, suave e inseparável companheira do artista, da qual, invariavelmente, pouco se fala. Nos vinte anos que separam as mortes de Iberê (1914–1994) e de Maria, o nome dela figurou ou como “Presidente de Honra do Conselho Superior” da fundação erguida em Porto Alegre para homenagear o marido, ou ligado às obras que integravam a própria instituição, haja vista que a mesma se constituiu a partir de seu acervo particular. Maria foi vigorosa na guarda das milhares de pinturas, gravuras, desenhos e projetos, bem como na coleta e sistematização de esboços, anotações, cartas e documentos de trabalho; ao mesmo tempo, gerenciou o ateliê e toda vida prática do casal. Em grande medida, portanto, Iberê Camargo e a entidade homônima existem do modo como os conhecemos porque Maria trabalhou para isso. Hoje, porém, seu nome não integra nem uma, nem outra situação. Nascida a 28 de novembro de 1915, em Porto Alegre, Maria Cruz Coussirat frequentou o tradicional Colégio Sévigné e, em março de 1937, ingressou no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (atual Instituto de Artes da UFRGS), onde estreitou convivência com Iberê, então estudante do Curso Técnico de Arquitetura. Ele não concluiu o curso, mas ela se formou em dezembro de 1940, junto com outras cinco mulheres, já como “Maria Coussirat Camargo”. De seu período formativo, restaram pouco mais de dez pequenas pinturas: paisagens e retratos marcados pela pincelada solta, em busca de paulatina modernidade. Algumas dessas paisagens representam a região do antigo “riacho” que cortava o centro da cidade, tema também da primeira pintura de Iberê, produzida com materiais da namorada. Maria chegou a expor essas obras em contexto acadêmico, mas depois recuou, tanto em termos de visibilidade, como de produção, dando lugar ao marido e jovem artista. Suas obras, depositadas na Fundação Iberê, encontram-se no “vácuo”, sem registro, inventário, estudo. Memória e apagamento se enleiam nessas e em outras passagens. A partir de uma longa entrevista realizada pela autora com Maria Coussirat Camargo, em 1999, a comunicação desvela parcela de sua trajetória, formação e postura pessoal e profissional, ao mesmo tempo em que discute algumas políticas de memória da própria Fundação Iberê, tomando Maria como epicentro.

PALAVRAS-CHAVE:

Maria Coussirat Camargo. Iberê Camargo. Apagamento. Memória.



PERGUNTAS-CHAVE:

1. A partir da voz de Maria Coussirat Camargo, como entender os processos de memória e apagamento em torno dela e de Iberê Camargo?
2. Como as políticas institucionais da Fundação Iberê vêm trabalhando a exposição ou o ocultamento de personagens e situações?